

AS EXPERIÊNCIAS DE WALTER BENJAMIN

Beatriz de Souza Bessa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Centro de Ciências Humanas e Sociais, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em
Memória Social
Psicóloga
beatrizbessa@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo refletir sobre o conceito de experiência na obra do filósofo alemão Walter Benjamin e sua ressonância na atualidade. A partir de pequenos fragmentos, ensaios e críticas literárias redigidas pelo filósofo no início do século XX é possível compreender como Benjamin se situava num posicionamento teórico plural: por vezes, denotava as mazelas da sociedade moderna na qual estava inserido, revelando um sentimento nostálgico em relação a uma experiência perdida. Em outros momentos, ensaiava alternativas possíveis para a elaboração de novas experiências, tendo como inspiração, principalmente, as obras de Bergson, Baudelaire, do surrealismo, assim como o uso do haxixe e o cotidiano das crianças. O presente trabalho visa mapear a trajetória de Benjamin em busca de sua própria experiência, revelando seus ditos poéticos, tecendo uma reflexão sobre as assertivas do filósofo alemão para a vida contemporânea.

Palavras-chave: Walter Benjamin, experiência, modernidade

ABSTRACT

The objective of this article is to reflect about the experience's concept in work of Walter Benjamin, and yours importance to the present time. Being supported by fragments, reviews, essays and others texts from the German philosopher in begin of the XX century is possible to understand how Benjamin was plural: sometimes he expressed nostalgia, criticizing the modernity society and the lost of the experience. In other moments, had inspiration of the surrealism, Henri Bergson, Charles Baudelaire, hashish and the childhood to have a glimmer of news experiences in modernity. In this presentation I intend to show the trajectory of Benjamin in search of your experience, revealing your poetics texts and analyzing the reflection of the philosopher to the contemporary.

Keywords: Walter Benjamin, experience, modernity

AS EXPERIENCIAS DE WALTER BENJAMIN

Beatriz de Souza Bessa (UNIRIO)

INTRODUÇÃO

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece.

Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada nos aconteça¹.

O conceito de experiência em Benjamin não é encontrado em uma obra específica. Em vários escritos do autor esse termo aparece, sendo em quase todos uma idéia central, senão uma expressão que vai se esconder por detrás de outras expressões, palavras e proposições, mas que vai estar de alguma maneira presente. *Experiência* atravessa estudos de críticas literárias, históricas e sociais, configurando-se um conceito utilizado pelo autor de forma plural. Em todas as ocasiões o termo ganha densidade, peso ideológico e posicionamento político, pois não se trata de uma expressão fortuita mas de um conceito primordial na obra do filósofo alemão.

POLISSEMIA DO CONCEITO

No texto “*Experiência*” de 1913, Benjamin constrói uma crítica contundente à pretensa experiência vangloriada pelos adultos e ao fato destes se referirem aos mais jovens não raramente como inexperientes. Por isso, o título está entre aspas, pois se trata de uma ironia para com a concepção moderna de experiência. A “experiência” do adulto é inexpressiva para o jovem, pois ela é tecida em uma rede de dogmas, verdades e pretensões

que se ajustam a uma posição autoritária, individual e cética. Quando o adulto se refere a sua experiência pessoal de vida, ele o faz com nostalgia, desesperança e amargura. Em geral, retoma tempos de glória e prazer e os considera fabulosos, porém inúteis às exigências da vida social, já que o "esclarecimento", o "ser sério" só se obtém com o tempo. À lembrança da juventude e da infância soma-se a concepção de um tempo ingênuo, não mais possível. Por outro lado, é sua "experiência", ou melhor - o número de anos vividos, o conhecimento adquirido – os pilares que sustentam uma relação autoritária com o jovem. Benjamin ironiza a atuação do adulto, afirmando que experiência não é pilhagem de conhecimento, nem relógio ou calendário. Afirma ainda que a juventude não é apenas uma fase de desvarios mas um momento em que as formas subjetivas não se deixam instituir pelos valores absolutos e morais. Para o alemão, ser sério e esclarecido não é ter sabedoria, como imaginam os adultos, mas ter pobreza de idéias, petrificando emoções e afetos. Dessa forma, a maneira moderna de conceituar *experiência* revela um modo burguês de existência, carente de espiritualidade e sensibilidade. Nesse texto, escrito quando ainda cursava o primeiro ano de faculdade, Benjamin já mostrava sua admiração pela infância e juventude e deixava em suspenso o que, então, poderia significar a sabedoria e a experiência. Para ele, a infância não é um tempo pueril e imaculado, mas uma época enredada pelas lutas sociais, que dialoga com a realidade social existente. Benjamin não acreditava que a criança vivia em um mundo à parte – cria que a criança, apesar de viver nesse mundo, reinventava suas relações com o mesmo.

O que para o filósofo seria, portanto, experiência? Nos anos 30, Benjamin publicou *Experiência e Pobreza*, onde delinea o conceito de experiência a partir da constatação de sua perda. O declínio da experiência provém da perda de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana; tradição retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho. Esta perda acarreta também o desaparecimento das formas tradicionais de narrativa que têm sua fonte nessa transmissibilidade. A arte de narrar tornou-se rara pois ela parte da transmissão de uma experiência que já não é possível, pois não há mais condições de vivermos experiências no mundo moderno, mundo excessivamente industrial onde o artesanato é posto em segundo plano, onde as gerações não conseguem mais dialogar entre si, onde o individualismo se sobrepõe ao fazer junto, à criação coletiva... Ademais, o filósofo escrevera esse texto logo após a primeira Grande Guerra, considerando o então recente acontecimento como representativo da perda da experiência. Observou que os sobreviventes que retornaram das trincheiras voltaram mudos, pois aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras.

EXPERIÊNCIA X VIVÊNCIA

“Ficamos pobres”, afirma, “abandonamos as peças do patrimônio humano para receber a moeda miúda do atual”². Surge uma nova forma de miséria com o desenvolvimento das técnicas modernas. Perante a impossibilidade da experiência tradicional, a *Erfahrung*, há o aparecimento da *Erlebnis*, a vivência do indivíduo solitário. Os meios de comunicação de massa e a conseqüente disseminação da informação de massa, como o jornal por exemplo, são formas de expressão que demonstram as ruínas da experiência nas novas formas de existência. A informação preocupa-se em veicular fatos acompanhados por explicações, aspira a uma verificação imediata, precisa ser compreensível, plausível. As notícias no jornal são diagramadas de forma a não apresentarem nenhuma relação entre si. O excesso de informação a que o homem moderno se vê confrontado não deixa espaço para a experiência. Quanto mais informados somos, menos coisas nos acontecem. Deleuze também analisava o perigo da informação – o de confundi-la com sabedoria, libertação: “Uma informação é um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgamos que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem”³. O sucesso do romance também evoca o fim da experiência, pois a matriz do romance é o indivíduo em sua solidão, o homem que não sabe mais dar conselhos e a quem ninguém pode dar conselhos, já que o conselho não é intervir na vida de outro mas “fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que esta sendo narrada”⁴. Ora, não há mais fluxo narrativo comum e vivo entre as pessoas, não há mais troca verdadeira – os indivíduos se atomizaram, criaram cada um o seu próprio núcleo. “Cai a imagem do homem tradicional e surge o contemporâneo nu, deitado como um recém nascido nas fraldas sujas de sua época”⁵. Lembremos que o conceito de indivíduo foi elevado ao nível de bandeira política e realidade econômica pelo liberalismo dos séculos XVII e XVIII, sendo uma categoria construída histórica e socialmente. O ser moral independente e autônomo que caracteriza o indivíduo representa a ideologia da modernidade – a ideologia da época que foi o alvo das críticas de Benjamin.

O FLÂNEUR E A VIVÊNCIA DOS CHOCS

Segundo Benjamin, a obra que tematiza a vivência solitária do homem moderno é a poesia de Baudelaire. Este conseguiu mostrar, nem de forma descritiva nem de forma angustiada, os tempos que despontavam – tempo do individualismo, da grande indústria, do comércio competitivo, da urbanização, da informação. Baudelaire ainda revelou em sua poesia o que seria a vivência do choque, uma das condições históricas modernas que mais impedem que “os interesses interiores do homem sejam incorporados à sua experiência”⁶.

A vivência do choque é a vivência desencadeada pela urbanização dos grandes centros. A partir do aparecimento da massa urbana na paisagem citadina do século XIX, os cidadãos vão se confrontar nas ruas com uma série de informações e estímulos. Haverá um contingente de centenas de homens em uma só travessia, todos com pressa para ir ao trabalho, todos presos ao anonimato sem, no entanto, se estranharem, veículos nas pistas, barulhos, ruídos, máquinas, propagandas. Os choques correspondem não a Erfahrung, e sim a Erlebnis: “Quanto maior for a parte do choc em cada impressão isolada; quanto mais estímulos; quanto maior for o sucesso com que ela opere; e quanto menos eles penetrarem na experiência, tanto mais corresponderão ao conceito de ‘vivência’”⁷. Na obra de Baudelaire, a cidade de Paris não lamentava a opressão da multidão sobre as vidas, pelo contrário. Segundo Benjamin, o poeta foi enredado pela massa: “Ele torna-se seu cúmplice e quase no mesmo momento dela se aparta”⁸. Se Baudelaire conseguia defrontar-se com os choques, considerando-os como princípio poético é porque, naquele momento, o artista assumiu uma nova posição diante da multidão. Para Benjamin, Baudelaire conquistou uma experiência arrebatadora e resistente a partir da sua simples vivência de homem moderno: Baudelaire tornou-se um flâneur.

Lutando contra o tédio e contra a pobreza da sociedade moderna, Baudelaire fala da multidão de maneira secreta - não a descreve mas ela está presente, ao contrário da descrição angustiosa de Engels. “Baudelaire lança-se contra a multidão; e o faz com a cólera impotente de quem se lança contra o vento ou contra a chuva. Eis aí a vivência a que Baudelaire deu o peso de uma experiência”⁹. A atividade do flâneur é observar os passantes que dão e recebem choques, movimentando-se na massa, como autômatos. O flâneur interessa-se pela cidade em geral, e por cada um dos seus edifícios mais característicos: - estações ferroviárias, grandes magazines, salas de exposição, ruas escondidas... A cidade é tudo para o flâneur, ela então se desdobra diante dele, se abrindo como paisagem. Rouanet comenta ainda que para o flâneur não é somente o espaço da cidade que está à sua disposição, mas também sua história: “Ele despreza a história convencional, mas fareja na história a cidade e a cidade na história. (...) A flânerie o conduz para um tempo desaparecido. Cada rua, para ele, é uma ladeira que desce em direção ao passado: o dele e o da cidade”¹⁰. Cada olhar, cada passo, cada sentido captado pelo flâneur ao encontro da paisagem citadina cria uma ressonância. Essa relação foi a que Baudelaire teve com Paris, com a Paris imersa na dissolução da aura da experiência, imersa nas vivências dos choques. O estado inebriante da flânerie era como o estado daquele que consome haxixe.

A investigação mais apaixonada da embriaguez produzida pelo haxixe nos ensina menos sobre o pensamento (que é um narcótico eminente) que a iluminação profana do pensamento pode ensinar-nos sobre a embriaguez do haxixe. O homem que lê, que pensa, que espera, que se

*dedica à flânerie, pertence, do mesmo modo que o fumador de ópio, o sonhador e o ébrio, à galeria dos iluminados. Para não falar da mais terrível das drogas – nós mesmos- que tomamos quando estamos sós.*¹¹

Benjamin considerava o efeito do ato de comer ou fumar haxixe uma vivência solitária, porém uma vivência em que a memória involuntária poderia vicejar. O conceito de memória involuntária é fundamental para entendermos como a *flânerie* e o haxixe agiam como experiências em um cenário moderno, onde a “atrofia da experiência” era moeda corrente.

MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA

Benjamin, considerando a obra de Proust, *A la recherche du temps perdu*, analisa que as condições modernas de existência conduziram a uma ruptura da memória em *voluntária* e *involuntária* com o predomínio da primeira sobre a segunda. A memória voluntária estaria ligada à esfera da consciência desperta, da qual dependeria a proteção contra os estímulos externos, os *chocs*, sem a qual estes poderiam vir a causar efeitos traumáticos no indivíduo. Dessa forma, ao ampliar as situações em que o homem se confronta com os *chocs*, o tempo da grande indústria teria reforçado o âmbito da consciência e da memória voluntária restringindo as condições de florescimento da memória involuntária: “O fato de o choc ser captado e aparado pela consciência, daria ao acontecimento que o provoca o caráter de vivência em sentido estrito. E esterilizaria para a experiência poética esse acontecimento incorporando-o diretamente ao inventário da lembrança consciente” ¹².

Obstaculizando as possibilidades de emergência da memória involuntária, os tempos modernos seriam, portanto, tempos da *não experiência*, já que, quando há de fato *Erfahrung*, a memória dos homens não se aparta. A memória voluntária estaria “à disposição da inteligência, sempre pronta a responder ao apelo da atenção” ¹³ e relacionada, na literatura proustiana, à “pobreza com que por muitos anos se oferecera à sua lembrança a cidade de Combray, onde, no entanto, transcorrera uma parte de sua infância” ¹⁴. Desta memória voluntária se pode dizer que “as informações que nos dá sobre o passado nada conservam dele” ¹⁵.

Para Benjamin, portanto, Proust personifica a força salvadora da memória, e é a partir dessa leitura que podemos compreender o conceito de memória involuntária e sua relação com a *Erfahrung*. “Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu” ¹⁶. Nessa passagem, Benjamin assinala ser a rememoração mais do que a busca da coisa ou do acontecimento em si,

considerando as suas contingências. Logo adiante, no entanto, ele afirma ser esse comentário ainda um tanto grosseiro, e continua: “O importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência” 17. Assim, mais do que indicar o reaparecimento de um conteúdo ou objeto, a memória é um movimento, uma ação. Para finalizar, o filósofo é ainda mais questionador: “Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento?”.18 Nesse ponto Benjamin já indica que a memória involuntária encontra-se mais próxima do esquecimento do que da lembrança. O esquecimento se faz necessário, pois o movimento engendrado pela memória é aquele que vai associar duas sensações diferentes, distantes no tempo e no espaço. É um movimento de analogias. Em vez de retomar o passado, a memória involuntária vai superá-lo, realizando o entrecruzamento dos tempos. “A memória involuntária permite aceder a um tempo *virtual, ontológico*” 19. Segundo Barrenechea, ultrapassar os limites da percepção e da memória voluntária, esquecendo o tempo presente e aquilo que já passou permite o homem viver, enfim, “fora do tempo”, deflagrando uma essência pura, uma “qualidade pura, uma característica essencial e comum a ambas sensações” 20, o que caracteriza uma busca pela verdade, pelo em-si das coisas, uma experiência singular, fundamental. “O historicista apresenta a imagem eterna do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz *Era uma vez*” 21.

Ao relatar sua experiência com haxixe ao desembarcar pela primeira vez em Marselha, Benjamin mostra a emoção de sentir a melancolia de um fato que não foi vivido por ele, mas pelos moradores antigos da cidade. Ao andar vagorosamente por Marselha, não pelos pontos turísticos, mas pelo subúrbio – “a exceção da cidade” 22 - o pensador confessa:

Abateu-se sobre mim um pouco daquela melancolia que ainda hoje me cativa. Creio que, ao acolhe-la dentro de si, o forasteiro participa de algo que só podem sentir os antigos moradores de um lugar, pois a infância é a vara de condão que aponta sempre para a aflição: só se conhece a melancolia de cidades resplendentes de glória quando se viveu nelas em criança” 23.

Sob o efeito da droga, Benjamin apreendeu no espaço da nova cidade “mil lugares diferentes” 24, pois o haxixe “improvisara o presente” 25, abrindo percepções, realizando associações, trazendo à tona lembranças que nem foram vividas por ele, mas que foram sentidas por aqueles que viveram numa Marselha ainda não tão modernizada.

Assim, a memória involuntária é o mundo dos entrecruzamentos, das correspondências, elementos presentes nas experiências de comunidades, nas experiências

narrativas, na tradição. Elas são irrepetíveis, únicas, escapam à lembrança. Ela se nutre não de imagens selecionadas, estabelecidas, mas de cacos, vestígios. Faz parte da memória involuntária tudo aquilo que não foi vivência, consciência. A memória voluntária, por sua vez, se relaciona ao desejo de não esquecer, de armazenar informações necessárias às nossas obrigações, funções sociais e necessidades profissionais. A memória voluntária é bastante útil para guardar informações, mas não para gerir afetos. É por esse motivo que o filósofo alemão admirava os retratos de Klee e as suas figuras em espanto. O espanto é o que permite o ato criador, já que o contrário - estar desperto, não se espantar, não se surpreender, ou pior, ser indiferente - é o alimento da existência moderna. A constante disponibilidade da lembrança voluntária e da consciência reduz o espaço da fantasia, da imaginação, da criação. Dessa forma, o *flâneur* Baudelaire realiza o trabalho do espadachim, mesmo que as contingências o incitem a realizar o trabalho do operário. O duelista, descreve Benjamin, engenhosa e argutamente desvia os *chocs* com a destreza de sua espada, abrindo fendas, saídas, alternativas.

Ao contrário de *O Narrador*, onde Benjamin parece mostrar um grande desalento com as transformações da sociedade, em *Sobre alguns temas em Baudelaire* o autor afirma os lugares de resistência na modernidade. Em outro momento, ele chegou a mencionar o que seria uma barbárie positiva: a barbárie de Brecht, da Bauhaus, do surrealismo, das vanguardas, dos provocadores, referindo-se àqueles que estão dispostos a começar do começo, já que eles "aspiram a um mundo em que para eles possam fazer valer tão pura e claramente a sua pobreza, externa e interna, que disso resulte algo decente" ²⁶. Novas práticas estéticas *bárbaras*, realizando ruptura com o vivido, onde se instauram espaços de criação possíveis no interior de espaços fragmentados são celebradas pelo autor. Ademais, mesmo tecendo críticas contundentes aos romances, Benjamin considerava Kafka e Proust dois autores que não tratavam suas obras como elementos acabados, fechados em si, conclusivos, mas como criações ressonantes, onde, no interior da existência do homem solitário, é possível viver um infinito.

OS CACOS, OS DETRITOS

Para Gagnebin (2001), Benjamin não alimenta o pessimismo ou a desesperança, mas esboça a idéia de uma outra narração, uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas. O narrador também seria a figura do trapeiro ou do chiffonnier (figura de Baudelaire), do catador de sucata e de lixo, este personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos. Se estes cidadãos são, por um lado, movidos pelo desejo de descobrir objetos úteis no lixo, certamente são os mesmos que impedem que coisas sejam perdidas e esquecidas, ressignificando aquilo que já foi considerado imprestável pelas elites, pelos afortunados.

Aliás, O motivo literário dos detritos é um tema que pode ser encontrado em vários romances escritos entre o século XVIII e o século XX.

Na representação literária de Paris, o personagem do limpador de detritos aparece com frequência. Nascimento (2002) aborda que o escritor Restif, em *Les Nuits de Paris* (obra publicada de 1788 a 1793), já traçava o retrato de um singular "descolador de cartazes" que tirava sua subsistência desta atividade. O dinheiro que ele obtinha da venda dos cartazes usados lhe servia para comprar comida; comida que ele adquiria de vendedoras de rua, ou seja, comida essa que também eram restos. Restif inventara outras curiosas "profissões" que só poderiam existir na grande cidade, todas elas relacionadas ao motivo do detrito: o recolhedor de garrafas quebradas, os célebres trapeiros e os gratte-ruisseaux - tipos urbanos que vasculhavam as inúmeras valetas cheias de imundícies que abundavam na Paris de então. Nos textos surrealistas encontram-se variantes desse tema, não é de se espantar que Benjamin admirasse tanto os surrealistas. Em *L'Amour fou*, por exemplo, André Breton relata seu passeio em um mercado de velharias. Assíduo freqüentador dos Mercados das Pulgas, nos quais se encontrava exposto um amontoado de "objetos fora de moda, fragmentados, inutilizáveis, quase incompreensíveis, perversos, enfim" 27, o artista analisava os inúmeros lugares que Paris abrigava. Eram espaços onde os objetos eram desviados de seu uso habitual, podendo se tornar, assim, objetos mágicos. "A cidade se transforma, com os surrealistas, nesse inesgotável campo de experiências no qual a errância, auxiliada pela mão do acaso, pode conduzir às situações mais extraordinárias" 28.

Não apenas os artistas e maltrapilhos, como também as crianças, seriam focos de resistência na modernidade, seriam como espadachins. Em *Infância e Pensamento*, Gagnebin escreveu sobre as crianças e a posição diferenciada que assumem diante dos adultos, onde elas vêem "aquilo que o adulto não vê mais, os pobres que moram nos porões cujas janelas beiram as calçadas, ou as figuras menores nas bases das estátuas erigidas para os vencedores" 29. É dessa dimensão que as crianças olham o mundo, marcando com suas perguntas as bordas, as falhas, o invisível, o inaudito. Benjamin, desde o texto *Experiência*, revelou a sua preocupação com os estudos sobre a criança. Criticava duramente o moralismo dos livros infantis e a forma *infantilista* do adulto se relacionar com a criança. Para o filósofo, "nada é mais ocioso que a tentativa febril de produzir objetos supostamente apropriados às crianças" 30. Alertava que os pedagogos não percebiam como a terra estava repleta de "substâncias puras e infalsificáveis capazes de despertar a atenção infantil" 31. Se observarmos uma criança, notaremos como ela se sente atraída pelos detritos: ao visitarem oficinas de costura, carpintaria, atividades de jardinagem elas não raramente vão vasculhar os restos, as sobras, os trapos... A partir dos detritos que recolhem, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Segundo o autor, os contos de fadas seriam uma dessas criações compostas por detritos, surgida no processo de produção e decadência da saga. "A criança lida com os elementos dos contos de fada de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos.

O mesmo ocorre com a canção e com a fábula” 32. Nesse sentido, se a atividade de narração se esvai nos tempos modernos, às crianças são cada vez mais destinadas canções folclóricas, estórias, contos e parlendas... A criança cria suas brincadeiras e seus prazeres a partir do “lixo da história”. Se a nossa modernidade já não nos permite mais compartilhar conselhos e experiências, as crianças, de alguma forma, ainda mantém laços com a tradição, com o povo, com a história.

CONCLUSÃO

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, é também inimiga mortal da experiência.33

Mais de meio século se passou desde que Benjamin discutiu o conceito de experiência. No entanto, na epígrafe acima vimos uma citação de Jorge Larrosa declaradamente inspirada no autor alemão. Isso pode significar que hoje ainda continuamos a viver um tempo repleto de novidades, informações, conhecimentos, cultura. Nos encontramos “saciados e exaustos de cultura” 34, mas consoante Benjamin, queremos dela nos libertar, pois estamos cansados. Por isso sonhamos, já que o sonho se mantém realizando a existência que já não pode se mais ter durante o dia. O sonho seria uma necessidade da vivência individual e solitária dos homens.

Em pleno século XXI alguns dos mais influentes psicanalistas acreditam que enquanto dormimos o sonho continua acontecendo, mas cada vez menos o sonho surpreende os sonhadores. Chaim Samuel Katz e Jurandir Freire Costa alertam que os relatos de sonhos estão se tornando cada vez mais escassos nas sessões psicoterápicas, e se o sonho está em crise é porque a sociedade também está. Configura-se um tempo em que até o sonho não causa mais a reação de espanto, necessária à criação. O sonho também estaria vigiado, controlado, banalizado? É verdadeiro que a maioria dos autores mais relevantes de estudos sociológicos já consideram ter havido uma cisão na história, não sendo possível mais falar em modernidade, mas de pós-modernidade ou hipermodernidade. Será que assistimos a uma nova crise ou será que foi a crise que não passou, apenas piorou?

É certo que as configurações sociais se modificaram, tanto quanto a economia, a política, a cultura... Não obstante o neoliberalismo e a globalização permanecem a semear a

conduta do indivíduo centrado em si mesmo, preocupado com as tendências da moda, da indústria do consumo, do lucro, das competências, da vaidade. Amiúde as pessoas se entregam a seus prazeres imediatistas e pouco partilham suas vivências, tristezas, felicidades e sonhos. Por outro lado, assistimos nas artes contemporâneas a presença cada vez mais intensa das idéias de discursos polifônicos, da autoria coletiva. Crescem os estudos sobre arte eletrônica, arte digital, interatividade, cyberperformances, instalações, surgem as obras abertas, além da própria internet com suas salas de bate papo, chats, messengers, Orkut... Outras qualidades de comunidade se constroem com as pessoas esvaziando os espaços públicos e se rendendo aos encontros virtuais? Além disso, em que consistem as discussões do meio ambiente e o tema da reciclagem em grande escala, realizado por empresas? A arte com sucatas, orquestras de panela velha, ferros e outros lixos tornaram-se must, pois o tema dos detritos tornou-se a propaganda da reciclagem. Hoje se fala até de reciclagem de professores. Por fim, os andarilhos das cidades aumentam vertiginosamente, os moradores de rua se tornam constantes nas paisagens urbanas, com famílias inteiras debaixo da ponte – pode existir alguma poesia sobre essa tragédia assim como os surrealistas no início do século passado compuseram?

É interessante captar o essencial do pensamento benjaminiano, pois, até certo ponto, ele permanece atual. A impressão geral é que os chocs se multiplicam a cada avanço tecnológico. Talvez uma espécie de desaceleração ainda seja necessária em nossas vidas para que possamos voltar a experimentar as coisas nas suas verdades, nas suas autenticidades, com paixão. Para que sejamos mais experientes talvez tenhamos mesmo que ser menos executivos e compromissados, largando de mão o celular, o e-mail, as obrigações e sendo mais passivos, menos ativos, mais câmera lenta e menos vídeo-clip. Mesmo assim, é importante visualizar como o contexto atual se nos abre, refletindo, por exemplo, se o popular Ócio criativo do italiano De Masi seria um movimento de resistência. Atentemos para os recentes desafios, para não tomarmos como base apenas a sociedade que Benjamin criticou. Naqueles tempos, o narrador, o flauer e o artesão poderiam ser os protótipos da resistência, mas será que hoje podemos configurá-los como tal?

REFERÊNCIAS :

BARRENECHEA, M. A. Proust e os limites da memória: a arte como salvação. In: *Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas*. Rio de Janeiro. n. 4, 2004.
<http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero04-2004/mbarrenechea.htm>.

BENJAMIN, W. *Haxixe*. São Paulo: Brasiliense, 1984

_____. *Obras escolhidas vol. I : magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*, São Paulo: Ed. 34, 2002.

_____ et all. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

DELEUZE, G. "O ato de criação". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 27/06/1999, p. 5.

GAGNEBIN, J.M. "Infância e pensamento". In: GHIRALDELLI JUNIOR, P. (org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora UFPR. 1997. pp. 83-100.

_____. "Memória, história, testemunho". In: *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*, BRESCIANI, S.; NAXARA, M (orgs). Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, Unicamp, Campinas/SP, julho de 2001. <<http://www.miniweb.com.br/Atualidade/INFO/textos/saber.htm>>. Acesso em junho de 2005.

NASCIMENTO, F. "Notas sobre o mito literário de Paris: de Restif aos surrealistas". *Agulha - Revista de Cultura*, n.º 25, São Paulo, junho de 2002.

ROUANET, S.P. "É a Cidade que Habita os Homens ou São Eles que Moram Nela?". *Dossiê Walter Benjamin*, n. 15, set.-nov. 1992, pp. 48-72.

NOTAS

1 LARROSA, 2001:2.

2 BENJAMIN, 1993:119.

3 DELEUZE, 1999:5.

4 BENJAMIN, op.cit:201.

5 BENJAMIN, op.cit:116.

6 BENJAMIN,1983:31.

7 BENJAMIN,op.cit:34.

8 BENJAMIN,op.cit:41.

9 BENJAMIN,op.cit:51.

10 ROUANET, 1992:51.

- 11 BENJAMIN, 1984:33.
- 12 BENJAMIN, 1983:53.
- 13 BENJAMIN, 1993:31.
- 14 idem.
- 15 idem.
- 16 BENJAMIN, 1993:37.
- 17 idem.
- 18 idem.
- 19 BARRENECHEA, 2004.
- 20 idem.
- 21 BENJAMIN, 1993:231.
- 22 BENJAMIN, 1984:17.
- 23 BENJAMIN, op.cit:17.
- 24 idem.
- 25 idem.
- 26 BENJAMIN, 1993: 118.
- 27 BRETON apud NASCIMENTO, 2002.
- 28 NASCIMENTO, 2002.
- 29 GAGNEBIN, 1997:192.
- 30 BENJAMIN,1993:237.
- 31 idem.
- 32 BENJAMIN, op.cit:240.
- 33 LARROSA, 2001:3.
- 34 BENJAMIN, 1993:117.